



Na terra de Dom Tonino Bello o Santo Padre recordou que para prevenir a guerra é preciso cuidar dos pobres

O Mediterrâneo seja uma arca de paz

Prece junto do túmulo em Alessano e missa no porto de Molfetta

«O Mediterrâneo, histórica bacia de civilização, nunca seja um arco de guerra tenso, mas uma arca de paz acolhedora»: o Papa recorreu a uma imagem querida a padre Tonino Bello para lançar da região da Puglia o seu apelo a fim de que o Sul da Itália mantenha viva a própria vocação de ser terra que abre de par em par as portas à esperança para «os inúmeros países do Sul do mundo». No dia do 25º aniversário da morte do bispo salentino, na manhã de 20 de abril, o Pontífice visitou Alessano, a pequena aldeia onde padre Tonino nasceu em 1935 e quis ser sepultado, e Molfetta, onde exerceu o ministério episcopal por quase onze anos.

No cemitério de Alessano, Francisco rezou diante do túmulo do prelado e no discurso proferido elogiou «esta maravilhosa terra de fronteira – *finis-terrae* – que padre Tonino denominava “terra-janela”, chamada a permanecer aberta para «observar todas as pobreza que incumbem sobre a história».

Depois, no porto de Molfetta, o Papa celebrou a Eucaristia diante de mais de quarenta mil fiéis. Na homilia, frisou como padre Bello viveu no meio do povo da diocese confiada ao seu ministério: «Foi um bispo-servo, um pastor que se fez povo, que diante do Tabernáculo aprendia a fazer-se alimento para o povo. Sonhava uma Igreja faminta de Jesus e intolerante a qualquer forma de mundanidade». Por isso, o Papa desejou: «Seria bom que nesta diocese» de Molfetta-Giovinaz-



zo-Ruvo Terlizzi «houvesse este aviso, na porta das igrejas, para ser lido por todos: “Após a missa já não vivemos para nós mesmos, mas para os outros”. Uma admoestação, concluiu, para quantos não têm «a coragem de mudar: “os especialistas

da perplexidade. Os contabilistas pedantes dos prós e dos contras. Os calculistas cautelosos até ao extremo»».

PÁGINAS 8 E 9

Francisco em vista da cimeira de Panmunjeom

Pelo povo coreano

A 7 de julho encontro ecuménico de oração em Bari

Paz para a península coreana e para o mundo inteiro. Durante a audiência geral de 25 de abril, na praça de São Pedro, o Papa dirigiu um apelo aos participantes na próxima cimeira intercoreana, que se realizará na sexta-feira 27 em Panmunjeom, pedindo «a quantos têm responsabilidades políticas diretas, a coragem da esperança fazendo-se “artesãos” de paz». Os trabalhos nos quais participarão os dois líderes Moon Jae-in e Kim Jong-un, serão «uma ocasião propícia para dar início a um diálogo transparente e a um percurso concreto de reconciliação e de fraternidade reencontrada». Francisco convidou os presentes a recitar juntos o Pai-Nosso dirigindo-se a Deus que «é Pai de todos e Pai da paz» numa oração comum «pelo povo coreano, tanto os habitantes do Sul como os do Norte». Votos de paz que encontraram eco também na iniciativa divulgada durante a manhã com um comunicado da Sala de imprensa da Santa Sé: no próximo dia 7 de julho, o Papa irá a Bari para rezar pela paz

no Médio Oriente. Ele estará naquela cidade «janela sobre o Oriente que conserva as relíquias de São Nicolau, para um dia de reflexão e oração pela situação dramática do Médio Oriente». Francisco exortou a preparar com a oração este «encontro ecuménico pela paz».

PÁGINA 16



Marius Zabinski, «Peace Makers»

No Regina caeli do domingo do bom Pastor

Chega de violência e sangue na Nicarágua

O fim das violências na Nicarágua foi invocado pelo Papa no *Regina caeli* de 22 de abril. Expressando a sua preocupação «pelo que está a acontecer nestes dias» no país centro-americano, onde «a seguir a um protesto social se verificaram conflitos que causaram algumas vítimas», o Pontífice garantiu a sua «proximidade orante» à população e uniu a sua voz à dos bispos «pedindo que cesse toda a violência, se evite um inútil derramamento de sangue e as questões abertas sejam resolvidas pacificamente e com sentido de responsabilidade».

Precedentemente, o Papa ofereceu aos fiéis reunidos ao meio-dia na praça de São Pedro uma reflexão sobre o trecho evangélico do

bom Pastor. Na conclusão do *Regina caeli*, Francisco recordou o dia mundial de oração pelas vocações, celebrado em toda a Igreja no quarto domingo de Páscoa. Em especial, o Pontífice referiu-se aos 16 sacerdotes de várias partes do mundo, ordenados pouco antes na celebração eucarística presidida na basílica de São Pedro. Nessa ocasião, o Papa recomendou aos novos presbíteros que sejam misericordiosos e cumpram «com alegria e caridade sincera a obra sacerdotal de Cristo, com a única intenção de agradar a Deus e não a vós mesmos nem aos homens, por outros interesses».

PÁGINAS 2 E 3

Por ocasião da festa de São Jorge

Deus é um poeta

DOMINIQUE WOLTON NA PÁGINA 9

À confederação beneditina

Contemplativos ao serviço do próximo

PÁGINA 5

Durante a recitação do Regina caeli

O bom Pastor que cura

Jesus é o «bom pastor» que «cura» e «nos permite levar uma vida boa e fecunda», recordou o Papa no Regina caeli de domingo 22 de abril, na praça de São Pedro.

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

A Liturgia deste quarto Domingo de Páscoa prossegue na intenção de nos ajudar a redescobrir a nossa identidade de *discípulos do Senhor Ressuscitado*. Nos Atos dos Apóstolos, Pedro declara abertamente que a cura do coxo, realizada por Ele e da qual Jerusalém inteira fala, teve lugar em nome de Jesus, porque «em nenhum outro há salvação» (4, 12). Naquele homem curado está cada um de nós — aquele homem é a nossa figura: todos nós estamos ali — e estão as nossas comunidades: cada um poderá ser curado das numerosas formas de enfermidade espiritual que tiver — ambição, preguiça, orgulho — se aceitar colocar com confiança a própria existência nas mãos do Senhor Ressuscitado. «É em nome de Jesus Cristo Nazareno — afirma Pedro — que esse homem se acha são» (v. 10). Mas quem é Cristo que cura? No que consiste ser curado por Ele? Do que nos sara? E através de que atitudes?

Encontramos a resposta a todas estas perguntas no Evangelho de hoje, onde Jesus diz: «Eu sou o bom Pastor. O bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas» (Jo 10, 11). Esta autoapresentação de Jesus não pode ser reduzida a uma sugestão emotiva, sem qualquer efeito concreto! Jesus cura através do seu ser Pastor que dá a vida. Oferecendo a sua vida



por nós, Jesus diz a cada um: “A tua vida vale tanto para mim, que para a salvar dou-me completamente a mim mesmo”. É exatamente este *oferecer a sua vida* que o torna *bom Pastor* por excelência, Aquele que cura, Aquele que nos permite levar uma vida boa e fecunda.

A segunda parte da mesma página evangélica diz-nos quais são as condições para que Jesus nos possa curar, tornando a nossa vida jubilosa e fecunda: «Eu sou o bom Pastor — diz Jesus — conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me, assim como o meu Pai me conhece e Eu conheço o Pai» (vv. 14-15). Jesus não fala de um conhecimento intelectual, não, mas de um relacionamento pessoal, de prefeição, de ternura recíproca, reflexo da mesma íntima relação de amor entre Ele e o Pai. É através desta atitude que se realiza um relacionamento vivo com Jesus: *deixar-me conhecer* por Ele. Não me fechar em mim mesmo,

abrir-me ao Senhor, para que Ele me conheça. Ele está atento a cada um de nós, conhece profundamente o nosso coração; conhece as nossas qualidades e os nossos defeitos, os projetos que realizamos e as esperanças que foram desiludidas. Mas aceita-nos tal como somos, até com os nossos pecados, para nos curar, para nos perdoar; Ele guia-nos com amor, para podermos percorrer até caminhos impérvios, sem perder o rumo. Ele acompanha-nos.

Por nossa vez, somos chamados a *conhecer Jesus*. Isto implica um encontro com Ele, um encontro que suscite o desejo de o seguir, abandonando as atitudes autorreferenciais para nos encaminhar por novas sendas, indicadas pelo próprio Cristo e abertas para vastos horizontes. Quando, nas nossas comunidades, se arrefece o desejo de viver a relação com Jesus, de ouvir a sua voz e de o seguir fielmente, é inevitável que prevaleçam outros modos de pensar

e de viver que não são coerentes com o Evangelho. Maria, nossa Mãe, nos ajude a amadurecer um relacionamento cada vez mais forte com Jesus. Abramo-nos a Jesus, para que Ele entre em nós. Uma relação mais vigorosa: Ele ressuscitou! Assim podemos segui-lo durante a vida inteira. Que neste Dia Mundial de Oração pelas Vocações, Maria interceda a fim de que muitos respondem com generosidade e perseverança ao Senhor que chama a deixar tudo pelo seu Reino.

No final da oração mariana, depois de ter feito um apelo a favor da Nicarágua, o Pontífice recordou a celebração do dia de oração pelas vocações e as ordenações sacerdotais conferidas pouco antes na basílica de São Pedro. Na ocasião estiveram ao seu lado quatro dos 16 novos presbíteros: Gabriele Nascia, Thierry Randranantainaina, Phaulo Van Tan Do e Peter Dass Thein Lwin.

Caros irmãos e irmãs!

Estou preocupado com o que está a acontecer nestes dias na Nicarágua onde, a seguir a um protesto social, se verificaram conflitos que chegaram a causar algumas vítimas. Exprimos a minha proximidade orante àquele país, enquanto me uno aos Bispos para pedir que cesse toda a violência, se evite um inútil derramamento de sangue e as questões abertas sejam resolvidas pacificamente e com sentido de responsabilidade.

Como acabei de mencionar, neste quarto Domingo de Páscoa celebra-se em toda a Igreja o Dia de Oração pelas Vocações. O tema é: «Ouvir, discernir, viver a chamada do Senhor». *Demos graças* ao Senhor, porque Ele continua a suscitar na Igreja histórias de amor por Jesus Cristo, para o louvor da sua glória e ao serviço dos irmãos. Hoje, em particular, demos graças pelos novos sacerdotes que há pouco ordenei na Basílica de São Pedro. E *peçamos* ao Senhor que mande muitos bons operários para trabalhar no seu campo, e que também multiplique as vocações para a vida consagrada e para o casamento cristão. Como eu dizia, hoje ordenei 16 presbíteros. Destes 16, quatro vieram aqui para vos saudar e dar a *Bênção* juntamente comigo. *[quatro novos sacerdotes aparecem na janela ao lado do Papa].*

Saúdo de coração todos vós, romanos e peregrinos da Itália e de muitos países, em especial os provenientes de Setúbal, de Lisboa, de Cracóvia, e as Irmãs Pias Discípulas do Divino Mestre, que vieram da Coreia.

Desejo bom domingo a todos; e, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!

Concluiu-se a reunião do Conselho de cardeais

Foi dedicada à releitura do esboço da nova Constituição apostólica da Cúria romana a maior parte dos trabalhos da vigésima quarta reunião do Papa Francisco com o Conselho de cardeais, realizada em três dias a partir de 23 de abril. No final da redação do documento, que exigirá ainda um pouco de tempo, os purpurados aprovarão o texto a entregar ao Pontífice para as suas posteriores consultas e a aprovação final, referiu na manhã de 25 de abril o diretor da Sala de imprensa da Santa Sé, Greg Burke, durante um briefing com os jornalistas acreditados. Nas sessões — realizadas das 9h00 às 12h30 e das 16h30 às 19h00 — estavam presentes todos os membros exceto o cardeal George Pell; o cardeal Reinhard Marx faltou na segunda-feira e o Pontífice não participou na manhã de quarta-feira devido ao compromisso da audiência geral.

Entre os temas que irão formar a nova Constituição apostólica, muitos dos quais já foram amplamente tratados nas sessões anteriores, foram evidenciados alguns de particular importância: a Cúria romana ao serviço do Santo Padre e das Igrejas particulares; o caráter pastoral das atividades curiais; a instituição e o funcionamento da Terceira seção da Secretaria de Estado; o

anúncio do Evangelho e o espírito missionário como perspectiva que caracteriza a atividade de toda a Cúria.

O cardeal Sean Patrick O'Malley informou os participantes no conselho acerca dos numerosos esforços que se realizam em todo o mundo para a proteção dos menores e adultos vulneráveis. Durante a recente assembleia plenária, a Pontifícia comissão para a tutela dos menores ouviu os testemunhos dos membros que acabaram de ser nomeados, provenientes do Brasil, da Etiópia, da Austrália e da Itália. Também recebeu um grupo do Reino Unido, o “Survivor Advisory Panel”. O purpurado evidenciou o compromisso profuso e a grande competência dos membros da comissão que representam muito bem a variedade das culturas do mundo. Além disso, reafirmou a prioridade de começar pelo que as pessoas viveram, continuando o trabalho de escuta das vítimas e recolhendo as suas experiências.

Os cardeais ouviram monsenhor Lucio Adrian Ruiz, secretário da Secretaria para a comunicação, que informou o Conselho sobre o estado atual da reforma do sistema comunicativo do Vaticano.

A próxima reunião do Conselho terá lugar nos dias 11, 12 e 13 de junho próximo.

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.osservatoreromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +390669899420
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +390669884797
fax +390669884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuario, televidens: 0800-160004; fax: 0052123042036; e-mail: ossrom@editoriasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A., System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@redirezionesystem@ilsol24.ore.com

Não vos canseis de ser misericordiosos

Francisco ordenou 16 sacerdotes

«Não vos canseis de ser misericordiosos»: eis o convite dirigido pelo Papa aos 16 presbíteros ordenados na basílica de São Pedro na manhã de 22 de abril, quarto domingo de Páscoa, dia mundial de oração pelas vocações. Em síntese, Francisco pronunciou a homília ritual prevista pelo Pontifical Romano para a ordenação presbiteral, integrando-a com alguns acréscimos pessoais.

Irmãos caríssimos!

Estes nossos filhos foram chamados para a ordem do presbiterado. Reflitamos atentamente sobre o ministério ao qual serão elevados na Igreja. Como bem sabeis, o Senhor Jesus é o único Sumo Sacerdote do Novo Testamento, mas n'Ele também todo o povo santo de Deus foi constituído o povo sacerdotal. Apesar disso, entre todos os seus discípulos, o Senhor Jesus quer escolher alguns deles em particular, para que, exercendo publicamente na Igreja em seu nome o ofício sacerdotal a favor de todos os homens, continuem a sua pessoal missão de mestre, sacerdote e pastor.

De facto, assim como para isto Ele foi enviado pelo Pai, por sua vez Ele enviou também ao mundo primeiro os Apóstolos e depois os Bispos e os seus sucessores, aos quais por fim foram dados como colaboradores os presbíteros que, a eles unidos no ministério sacerdotal, são chamados ao serviço do Povo de Deus.

Depois de uma reflexão madura, agora estamos para elevar à ordem dos presbíteros estes nossos irmãos, para que ao serviço de Cristo, Mestre, Sacerdote, Pastor, cooperem para edificar o Corpo de Cristo que é a Igreja como Povo de Deus e Templo santo do Espírito.

Com efeito, eles serão configurados com Cristo Sumo e Eterno Sacerdote, isto é, serão consagrados como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento, e com este título, que os une ao seu Bispo no sacer-

dócio, serão pregadores do Evangelho, Pastores do Povo de Deus, e presidirão às ações de culto, especialmente na celebração do sacrifício do Senhor.

Quanto a vós, filhos e irmãos dilectíssimos, que estais para ser promovidos à ordem do presbiterado, considerai que exercendo o ministério da Sagrada Doutrina sereis participantes da missão de Cristo, único Mestre. Dispensai a todos a Palavra de Deus, que vós mesmos recebestes com alegria. Lede e meditai assiduamente a Palavra do Senhor a fim de crer no que lestes, de ensinar o que aprendestes na fé e de viver o que ensinastes.

dante o vosso ministério, o sacrifício espiritual dos fiéis torna-se perfeito, porque está ligado ao sacrifício de Cristo, que pelas vossas mãos, em nome de toda a Igreja, é oferecido de modo incruento no altar na celebração dos Santos Mistérios.

Portanto, reconhecei o que fazeis. Imitai o que celebrais para que, ao participar no mistério da morte e ressurreição do Senhor, conserveis a morte de Cristo nos vossos membros e caminheis com Ele em novidade de vida.

Através do Batismo agregareis novos fiéis ao Povo de Deus. Com o Sacramento da Penitência perdoareis os pecados em nome de Cristo e da

dos e elevando nas várias horas do dia a oração de louvor e de súplica, far-vos-eis voz do Povo de Deus e da humanidade inteira.

Cientes de ter sido escolhidos entre os homens e constituídos a seu favor para esperar nas promessas de Deus, exercei com alegria e caridade sincera a obra sacerdotal de Cristo, com o único objetivo de agradar a Deus e não a vós mesmos nem aos homens, por outros interesses. Somente o serviço a Deus, para o bem do santo povo fiel de Deus. Por fim, participando na missão de Cristo, Cabeça e Pastor, em comunhão filial com o vosso Bispo, esforçai-vos para unir os fiéis numa única família a



Portanto, a vossa doutrina seja alimento para o Povo de Deus e o perfume da vossa vida, alegria e amparo aos fiéis de Cristo. Com a palavra e o exemplo possais edificar a Casa de Deus que é a Igreja. Continuareis a obra santificadora de Cristo. Me-

greja. Aqui interrompo para vos pedir: por favor, não vos canseis de ser misericordiosos. Pensai nos vossos pecados, nas vossas misérias que Jesus perdoa. Sede misericordiosos. Com o óleo santo dareis alívio aos enfermos. Celebrando os ritos sagra-

fim de os conduzir a Deus Pai por meio de Cristo no Espírito Santo. E mantende sempre diante dos olhos o exemplo do Bom Pastor, que não veio para ser servido mas para servir e para procurar e salvar o que estava perdido.



Vista da cidade de Havana (AFP photo)

Aos jovens de Cuba

Construir a Igreja e a pátria

O Papa Francisco enviou uma mensagem vídeo aos participantes no encontro dos responsáveis pela pastoral juvenil de Cuba, que foi inaugurado a 20 de abril na casa sacerdotal de Havana. A reunião foi organizada pela comissão nacional da pastoral juvenil presidida por D. Alvaro Julio Beyra Luarca, bispo da diocese do Santísimo Salvador de Bayamo y Manzanillo. A seguir as palavras do Pontífice.

Queridos jovens!

Encorajo-vos a apaixonar-vos por Jesus e a assumir um compromisso cada vez mais real ao serviço da Igreja nesta Cuba concreta de hoje, sem medo de ouvir a chamada de Deus nas situações que se apresentam todos os dias. Como bons patriotas, amai a vossa terra, amai a vossa

pátria! Sede generosos e abri o vosso coração ao Senhor!

Que a próxima Jornada mundial da juventude de Panamá e a de Cuba em Santiago não sejam a finalidade do esforço que estais a envidar, mas que vão além. Possais descobrir que constitui uma oportunidade para aprofundar os processos de fé de cada um e para construir a Igreja cubana de hoje e de amanhã, a Pátria cubana de hoje e de amanhã; sabendo que não estais sozinhos e que somente é possível construir a partir da comunidade à qual pertencemos, concreta, onde nos comprometemos na vida e nos encorajamos na vocação.

Convido-vos a ir em frente: olhai para adiante, amai a vossa terra, amai Jesus e que a Virgem cuide de vós. Coragem!

Mensagem aos budistas para a festa de Vesakh

Promover uma cultura livre da corrupção

«Cristãos e budistas: prevenir e combater juntos a corrupção», eis o título da mensagem do Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso por ocasião da festa de Vesakh/Hanamatsuri de 2018, durante a qual se comemoram os principais acontecimentos da vida de Buda. A festa é celebrada em datas diversas, segundo as diferentes tradições. Este ano será comemorada a 29 de maio na maior parte dos países de tradição budista.

Queridos amigos budistas!

Da parte do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso, apresentamos-vos as nossas mais cordiais saudações e votos orantes por ocasião do *Vesakh*. Que esta festa proporcione alegria e paz a todos vós, às vossas famílias e comunidades em todo o mundo.

Este ano gostaríamos de refletir convosco sobre a necessidade urgente de promover uma cultura livre da corrupção. Este fenómeno, que implica o abuso de posições de poder para um lucro pessoal, quer no setor público quer no privado, tornou-se um escândalo tão difundido no mundo de hoje que as Nações Unidas indicaram 9 de dezembro como o Dia internacional contra a corrupção. Por causa da crescente difusão deste crime hediondo, governos, organizações não governamentais, mass media e cidadãos em todo o mundo unem-se para o combater. Como líderes religiosos, também nós devemos contribuir para promover uma cultura que seja impregnada de legalidade e transparência.

A intenção de oração do Papa Francisco para o mês de fevereiro de 2018 foi: «Digamos “não” à corrupção». Ao denunciar «o pecado da corrupção», reconhece que ela se encontra no mundo inteiro entre políticos, homens de negócios e ministros eclesiásticos. No fim quem paga o preço da corrupção são os pobres, observa o Papa. Recordando as pala-

bras de Jesus aos seus discípulos «Quem quiser fazer-se grande entre vós, seja vosso servo» (Mt 20, 26), o Papa frisa que «o único caminho para sair da corrupção [...] é o serviço. De facto, a corrupção provém do orgulho, da arrogância, enquanto o serviço humilha e consiste precisamente na caridade humilde de ajudar os outros» (Meditações matutinas na Domus Sanctae Marthae, 16 de junho de 2014).

Estimados amigos, como budistas, considerais a corrupção um estado mental doentio, que causa sofrimento e contribui para poluir a sociedade. Identificais três toxinas principais – avidez, ódio e desilusão ou ignorância – como fontes deste flagelo social, que se deve eliminar para o bem do indivíduo e da sociedade. O segundo preceito do budismo: «Comprometo-me a observar o preceito de me abster de tomar o que não for dado» ensina os budistas a discernir se as coisas das quais tomam posse são deveras indicadas para eles. Se elas tiverem sido subtraídas ilicitamente de outrem, é provável que não é correto possuí-las. Os ensinamentos e a prática budista não só desaprovam a corrupção mas procuram também transformar o aspeto doentio do estado mental, das intenções, dos usos e das ações dos corruptos.

Todavia, apesar das nossas duas tradições religiosas denunciarem firmemente o mal da corrupção, reconhecemos com tristeza que alguns



dos nossos seguidores participam em práticas corruptas, e isto leva à prevaricação, à associação para a corrupção e ao saque dos bens da nação. A corrupção põe em risco a vida porque implica um baixo crescimento económico, investimentos débeis, inflação, desvalorização monetária, evasão fiscal, desigualdades graves, educação escassa, infraestrutura de nível inferior e degradação ambiental. Ela ameaça até a saúde e a segurança de indivíduos e comunidades. As pessoas estão escandalizadas com políticos incompetentes e corruptos, com uma legislação ineficiente e com a incapacidade de indagar sobre os casos de corrupção mais relevantes. Surgiram movimentos populistas, às vezes motivados e apoiados pelo fundamentalismo religioso, que protestam contra as violações da integridade pública.

Acreditamos que à corrupção não se possa responder com o silêncio, e que as ideias que comecem com boas intenções se demonstrarão inadequadas, exceto se forem postas em prática, e consideramos que atuá-las seja necessário para eliminar a corrupção. Nós, budistas e cristãos, radicados nos nossos respetivos ensinamentos éticos, devemos colaborar para prevenir a corrupção desenrai-

zando as suas causas subjacentes e arrancando a corrupção pelas raízes, onde houver. Neste esforço, o nosso contributo principal será encorajar os nossos respetivos seguidores a crescer na integridade moral e no sentido de igualdade e responsabilidade. O nosso compromisso comum em combater a corrupção deve incluir a cooperação com os meios de comunicação e com a sociedade civil para a prevenir e denunciar; criar uma consciência pública sobre a corrupção; tornar responsáveis pelas suas ações os empregados públicos que se apoderam dos bens nacionais sem considerar as suas afiliações étnicas, religiosas, políticas ou de classe; ensinar e inspirar todos, mas especialmente os políticos e os funcionários das administrações públicas, a agir com a máxima integridade fiscal; exigir os devidos processos legais a fim de recuperar os bens roubados por causa da corrupção e entregar à justiça os responsáveis de tais delitos; encorajar mais mulheres a participar na política; negar a atribuição de cargos públicos a quantos estão envolvidos em atividades ilegais; e criar instituições transparentes e inclusivas baseadas na legitimidade para a boa governação, a responsabilidade e a integridade.

Queridos amigos, comprometamo-nos ativamente a promover nas nossas famílias e instituições sociais, políticas, civis e religiosas um ambiente isento de corrupção para viver uma existência honesta e íntegra. Com este espírito, desejamos-vos novamente uma pacífica e jubilosa festa de *Vesakh!*

Jean-Louis Tauran
Cardeal presidente

Miguel Ángel Ayuso Guixot,
MCCJ
Bispo secretário

Encerrou-se a visita do cardeal Tauran à Arábia Saudita

Um encontro sem precedentes caracterizou na quarta-feira, 18 de abril, a visita à Arábia Saudita do cardeal Jean-Louis Tauran, presidente do Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, recebido no palácio real por sua majestade o rei Salman Bin Abd Al-Aziz, que tem também o título de guardião das duas mesquitas sagradas das cidades santas muçulmanas de Medina e Meca.

Além disso, o purpurado – que em Riad foi acompanhado pelo bispo secretário do dicastério, Ayuso Guixot, e pelo chefe de gabinete para o islão, monsenhor Akasheh – encontrou-se com o ministro dos Negócios estrangeiros Adil al-Jubayr. A delegação do Vaticano visitou também o *Center for the fight against extremism thought*, e no dia anterior, terça-feira 17, teve uma audiência com o presidente do conselho consultivo (al-Shura), Abdallah bin Muhammad Al al-Shaykh.

As notícias que dizem respeito à visita encontraram amplo espaço nos mais importantes meios de comuni-



O aperto de mão entre o purpurado e o soberano

cação locais: a agência de imprensa governamental foi a primeira que as divulgou, seguida pelos noticiários das principais emissoras e pelos social networks. E também na quinta-feira 19, numerosos diários publica-

ram crónicas acompanhadas por imagens relativas sobretudo ao encontro com o rei no palácio Al Yamamah, no qual participaram, entre outros, o príncipe herdeiro Muhammad bin Salman, e o xeque Muham-

mad Abdul Karim Al-Issa, secretário-geral da Liga muçulmana mundial (Lmm).

Depois de ter transmitido ao soberano os «bons votos orantes» do Papa Francisco, o cardeal Tauran agradeceu o facto de ele ter empreendido «importantes iniciativas que marcam uma abertura significativa também em relação a outras religiões, especialmente o cristianismo». O presidente do dicastério do Vaticano recordou no seu discurso «as precedentes importantes iniciativas sauditas relativas ao diálogo inter-religioso», sublinhando «quanto seja prejudicial a instrumentalização da religião para fins políticos». A partir disso foi formulado o convite a continuar «um diálogo sincero a fim de encontrar soluções adequadas aos desafios» do mundo de hoje. O purpurado fez também referência «às centenas de milhares de trabalhadores cristãos no reino saudita», evidenciando que se trata de «uma

Contemplativos ao serviço do próximo

O Papa à confederação beneditina

«Não há oposição entre a vida contemplativa e o serviço ao próximo», reiterou o Papa Francisco recebendo em audiência na manhã de 19 de abril, na sala Clementina, os monges e as monjas da Confederação beneditina, por ocasião do 125º aniversário de fundação.

Reverendo Abade Primaz
Estimados Padres Abades
Amados irmãos e irmãs!

Dou-vos as boas-vindas por ocasião do 125º aniversário de fundação da Confederação beneditina e agradeço ao Abade Primaz as suas amáveis palavras. Gostaria de manifestar toda a minha consideração e reconhecimento pela relevante contribuição que os Beneditinos ofereceram à vida da Igreja, em todas as partes do mundo, durante quase mil e quinhentos anos. Nesta celebração do Jubileu da Confederação beneditina queremos recordar, de modo especial, o engajamento do Papa Leão XIII que, em 1893, desejou unir todos os Beneditinos, fundando uma Casa comum de estudo e de oração, aqui em Roma. Demos graças a Deus por esta inspiração, porque ela levou os Beneditinos do mundo inteiro a viver um espírito de comunhão mais profundo com a Sé de Pedro e entre si.

A espiritualidade beneditina é célebre pelo seu lema: *Ora et labora et lege*. Oração, trabalho, estudo. Na vida contemplativa, Deus anuncia muitas vezes a sua presença de maneira inesperada. Mediante a meditação da Palavra de Deus, na *lectio divina*, somos chamados a permanecer em religiosa escuta da sua voz, para viver em obediência constante e jubilosa. A oração gera nos nossos corações, dispostos a receber as dádivas surpreendentes que Deus está sempre pronto a conceder-nos, um espírito de fervor renovado que nos leva, através da nossa labuta quotidiana, a procurar a partilha dos

dons da sabedoria de Deus com os outros: com a comunidade, com aqueles que vêm ao mosteiro para a própria busca de Deus (*“quaerere Deum”*), e com quantos estudam nas vossas escolas, colégios e universidades. É assim que se gera uma vida espiritual sempre renovada e revigorada.

Alguns aspetos característicos do tempo litúrgico de Páscoa, que estamos a viver, como o anúncio e a sur-



presa, a resposta solícita e o coração disposto a receber as dádivas de Deus, na realidade fazem parte da vida beneditina de todos os dias. Na sua *Regra*, São Bento pede-vos para «não antepor absolutamente nada a Cristo» (n. 72), a fim de serdes sempre vigilantes no *hoje*, prontos a ouvi-lo e a segui-lo com docilidade (cf. *ibid.*, Prólogo). O vosso amor pela liturgia, como obra fundamental da região – que hospeda os lugares mais sagrados do islão, como as mesquitas das cidades santas de Medina e de Meca – quer pelo nível das personalidades envolvidas.

Os mesmos eclesiásticos do pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso participaram, na tarde do dia 19, num encontro de oração com os cristãos residentes na capital saudita, para testemunhar a proximidade a uma das comunidades mais numerosas em toda a região do Golfo Pérsico. Na manhã de sexta-feira 20, o regresso do cardeal a Roma.

a Igreja inteira que, ao longo dos séculos, beneficiou disto como da água de uma nascente que irriga e fecunda, alimentando a capacidade de viver, pessoal e comunitariamente, o encontro com o Senhor Ressuscitado.

Se São Bento foi uma estrela luminosa – como lhe chama São Gregório Magno – no seu tempo, marcado por uma profunda crise dos valores e das instituições, isto aconte-

ceu porque ele soube discernir entre o essencial e o secundário na vida espiritual, colocando firmemente no centro o Senhor. Possais também vós, seus filhos nesta nossa época, praticar o discernimento para reconhecer aquilo que vem do Espírito Santo e o que deriva do espírito do mundo, ou do espírito do diabo. O discernimento que «não requer apenas uma boa capacidade de raciocinar e sentido comum, [mas] é também um dom que é preciso pedir. Se o pedirmos ao Espírito Santo... Sem a sabedoria do discernimento, podemos facilmente transformar-nos em fantoches, à mercê das tendências do momento» (cf. Exort. Apost. *Gaudete et exsultate*, 166-167).

Nesta época, na qual as pessoas estão tão ocupadas que não têm tempo suficiente nem sequer para ouvir a voz de Deus, os vossos mosteiros e os vossos conventos tornam-se como que oásis, onde homens e mulheres de todas as idades, proveniências, culturas e religiões podem descobrir a beleza do silêncio, e voltar a encontrar-se a si mesmos, em harmonia com a criação, permitindo a Deus que restabeleça uma ordem certa na sua vida. O carisma beneditino da hospitalidade é deveras precioso para a nova evangelização, porque vos oferece a oportunidade de acolher Cristo em cada pessoa que chega, ajudando aqueles que procuram Deus, a receber os dons espirituais que Ele reserva para cada um de nós.

Além disso, aos Beneditinos foi sempre reconhecido o compromisso em prol do ecumenismo e do diálogo inter-religioso. Encorajo-vos a dar continuidade a esta importante obra para a Igreja e para o mundo, colo-

cando ao seu serviço inclusive a vossa tradicional hospitalidade. Com efeito, não há oposição entre a vida contemplativa e o serviço ao próximo. Os mosteiros beneditinos – tanto nas cidades como distante delas – são lugares de oração e de acolhimento. A vossa estabilidade é importante também para as pessoas que vão à vossa procura. Cristo está presente neste encontro: está presente no monge, no peregrino, na pessoa necessitada.

Estou-vos grato pelo vosso serviço nos campos educativo e formativo, aqui em Roma e em muitas partes do mundo. Os Beneditinos são conhecidos por serem “uma escola do serviço ao Senhor”. Exorto-vos a oferecer aos estudantes, juntamente com as necessárias noções e conhecimentos, também os instrumentos para que possam crescer naquela sabedoria que os leve a procurar continuamente Deus na própria vida; aquela mesma sabedoria que os há de levar a praticar a compreensão recíproca, porque todos nós somos filhos de Deus, irmãos e irmãs, neste mundo que tem tanta sede de paz.

Concluindo, estimados irmãos e irmãs, formulo votos a fim de que a celebração do Jubileu para o aniversário de fundação da Confederação beneditina represente uma ocasião profícua para refletir sobre a busca de Deus e da sua sapiência, e sobre o modo de transmitir mais eficazmente a sua riqueza perene às gerações vindouras.

Por intercessão da Virgem Maria, Mãe da Igreja, em comunhão com a Igreja celeste e com os Santos Bento e Escolástica, invoco sobre cada um de vós a Bênção Apostólica. E peço-vos, por favor, que continueis a rezar por mim.

Obrigado!

Adesão da Santa Sé

Com uma carta datada de 21 de março de 2018, D. Paul R. Gallagher, secretário para as Relações com os Estados, comunicou a Thorbjørn Jagland, secretário-geral do Conselho da Europa, a adesão da Santa Sé ao *Enlarged Partial Agreement on Cultural Routes*. Deste modo, a Santa Sé une-se, em qualidade de Membro, aos 31 Estados membros do Conselho da Europa que até agora subscreveram o Acordo, adotado pelo Conselho de Ministros do Conselho da Europa em dezembro de 2010. Foi encarregado de representar a Santa Sé – a partir de 21 de março deste ano e em colaboração com a Missão da Santa Sé junto do Conselho da Europa – monsenhor Maurizio Bravi, que desempenha também o cargo de Observador permanente da Santa Sé junto da Organização mundial do turismo.

Visita do cardeal Tauran

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4

questão que o Papa Francisco segue com grande atenção»; por fim, falou da necessidade de uma sólida educação para a justiça e a paz. Esta última, disse, «é um tesouro frágil que deve ser protegido»; mas «a paz é inseparável da justiça: não há paz sem justiça, nem justiça sem perdão». Portanto, concluiu, «a educação das jovens gerações para a paz é essencial».

A visita concluiu-se com a missa celebrada na sede da embaixada da França em Riad. Na tarde do dia 19, numerosos representantes diplomáticos participaram na celebração e no sucessivo encontro de despedida. Dias intensos, cheios de eventos, que tiveram como fio condutor os temas do diálogo entre as religiões e as culturas, o papel dos crentes na rejeição da violência, dos extremismos e do terrorismo, e

Prece junto do túmulo de Dom Tonino Bello em Alessano

O Mediterrâneo seja uma arca de paz

«O Mediterrâneo, histórica bacia de civilização, nunca seja um arco de guerra tenso, mas uma arca de paz acolhedora»: o Papa recorreu a uma imagem querida a padre Tonino Bello para lançar da região da Puglia o seu apelo a fim de que o sul da Itália mantenha viva a própria vocação de ser terra que abre de paz em par as portas e esperança para «os inúmeros países do Sul do mundo, onde "os mais pobres são cada vez mais numerosos, enquanto os ricos se tornam sempre mais ricos"». No dia do 25º aniversário da morte do bispo salentino, na manhã de 20 de abril, o Pontífice visitou Alessano, a pequena aldeia onde padre Tonino nasceu em 1935 e quis ser sepultado, e Molfetta, onde exerceu o ministério episcopal por quase onze anos. Em seguida, no porto de Molfetta, o Papa celebrou a Eucaristia diante de mais de quarenta mil fiéis. No final da celebração o Santo Padre regressou a Roma. A seguir, o discurso proferido pelo Pontífice.

Queridos irmãos e irmãs!

Vim como peregrino a esta terra onde nasceu o Servo de Deus Tonino Bello. Acabei de rezar junto do seu túmulo, que não se eleva de modo monumental, mas está inteiramente construído na terra: D. Tonino, semeado na terra —

o Mestre, assim proclamou a sua Mãe, louvando a Deus porque «derribou do trono os poderosos e exaltou os humildes» (Lc 1, 52). Uma Igreja que se preocupa pelos pobres está sempre sintonizada com o canal de Deus, nunca perde a frequência do Evangelho e senta-se que teria que voltar ao essencial para



ele, como uma semente lançada — parece que nos quer dizer quanto amou este território. Gostaria de refletir sobre isto, evocando antes de tudo algumas palavras de gratidão: «Obrigado, minha terra, pequena e pobre, que me fizeste nascer pobre como tu mas que, precisamente por isto, me deste a riqueza incomparável de compreender os pobres e de poder hoje dispor-me a servi-los».¹

Para ele, entender os pobres era uma riqueza verdadeira — significava também compreender a sua mãe, compreender os pobres era a sua riqueza. Tinha razão, porque os pobres são realmente a riqueza da Igreja. D. Tonino até hoje nos recorda isto, diante da tentação que com frequência sentia de seguir os poderosos do momento, de buscar privilégios, de nos adaptarmos a uma vida confortável. O Evangelho — como costumamos recordar no Natal e na Páscoa — chama a uma vida muitas vezes difícil, porque quem segue Jesus ama os pobres e os humildes. Assim fez

professor com coerência que o Senhor é o único bem verdadeiro.

D. Tonino exorta-nos a não teorizar a respeito dos pobres, mas a estar próximos deles, como fez Jesus, que sendo rico, se fez pobre por nós (cf. 2 Cor 8, 9). D. Tonino sentia a necessidade de o imitar, agindo em primeira pessoa, chegando a despojar-se de si mesmo. Não se sentia incomodado com os pedidos, mas feria-o à indiferença. Não temia a falta de dinheiro, mas preocupava-se com a incerteza do trabalho, problema ainda hoje muito atual. Não perdia a ocasião para afirmar que em primeiro lugar está o trabalhador com a sua dignidade, não o lucro com a sua avidez. Não ficava de braços cruzados: agia a nível local para semear paz globalmente, na convicção de que o melhor modo para prevenir a violência e qualquer tipo de guerra é cuidar dos necessitados e promover a justiça. De facto, se a guerra gera pobreza, também a pobreza gera guerra.² Por conseguinte, constrói-se a paz começando

por casar, ruas, oficinas, onde artesanalmente se plasma a comunhão. D. Tonino dizia esperanças: «A partir da oficina, como um dia em Nazaré, sairá o verbo de paz que encaminhará a humanidade, sedenta de justiça, para novos destinos».³

Estimados irmãos e irmãs, esta vocação de paz pertence à vossa terra, a esta maravilhosa terra de fronteira — *finis-terre* — que D. Tonino chamava “terra-janela”, porque do Sul da Itália se abre para os muitos países do Sul do mundo, onde «os mais pobres são cada vez mais numerosos enquanto os ricos se tornam cada vez mais ricos e menos numerosos».⁴ Sois uma «janela aberta, da qual se observam todas as pobreza que pairam sobre a história»⁵ mas sobretudo sois uma *janela de esperança* a fim de que o Mediterrâneo, histórica bacia de civilização, nunca seja um arco de guerra tenso, mas uma arca de paz acolhedora.⁶

D. Tonino é homem da sua terra, porque nesta terra amadureceu o seu sacerdócio. Aqui floresceu a sua vocação, que ele gostava de denominar *evocação*: evocação de quanto loucamente Deus prefere, uma por uma, as nossas vidas frágeis; ecos da sua voz de amor que nos fala todos os dias; chamada a ir sempre em frente, a sonhar com audácia, a descentralizar a própria existência para a pôr ao serviço; convite a confiar sempre em Deus, o único capaz de transformar a vida numa festa. É esta a vocação segundo D. Tonino: uma chamada a tornar-se não só fiéis devotos, mas verdadeiros apaixonados pelo Senhor, com o fervor do sonho, o impulso do dom, a audácia de não se contentar com as meias-medidas. Porque quando o Senhor incendia o coração, não se pode apagar a esperança. Quando o Senhor pede um “sim”, não se pode responder com um “talvez”. Fará bem, não só aos jovens, mas a todos nós, a quantos procurarmos o sentido da vida, ouvir e voltar a ouvir as palavras de D. Tonino.

Nesta terra, Antonio nasceu como Tonino e tornou-se D. Tonino. Este nome, simples e familiar, que lemos no seu túmulo, ainda nos fala. Conta o seu desejo de se fazer pequeno para es-



CONTINUA NA PÁGINA 8

tar próximo, de diminuir as distâncias, de oferecer uma mão estendida. Convidava à abertura simples e genuína do Evangelho. D. Tonino recomendou muito isto, deixando-o como herança aos seus sacerdotes. Dizia: «Amemos o mundo. Amemo-lo. Vamos de braço dado com ele. Sejamos misericordiosos com ele. Não o façamos deparar sempre com os rigores da lei antes de os ter temperado com doses de ternura».⁷ São palavras que revelam o desejo de uma Igreja para o mundo: não *mundana* mas *para o mundo*. Que o Senhor nos conceda esta graça: uma Igreja não mundana, mas ao serviço do mundo. Uma Igreja livre de auto-referencialidade e «comunicativa, proativa, não emaranhada dentro de si mesma»⁸ não na expectativa de receber mas de socorrer; nunca conformada com as nostalgias do passado, mas inflamada de amor pelo hoje, seguindo o exemplo de Deus, que «muito amou o mundo» (Jo 3, 16).

O nome de “D. Tonino” fala-nos também da sua saudável alegria a títulos e honras, o seu desejo de se privar de algo por Jesus que se despojou de tudo, a sua coragem de se libertar daquilo que pode evocar os *sinais do poder* para dar espaço ao *poder dos sinais*.⁹ Certamente, D. Tonino não o fazia por conveniência nem para obter consensos, mas movido pelo exemplo do Senhor. No amor por Ele encontramos a força de nos despojarmos das vestes que dificultam o passo para nos revestirmos de serviço, para sermos «Igreja de azeitão, único paramento sacerdotal registado pelo Evangelho».¹⁰

Que D. Tonino nos poderia dizer ainda sobre esta sua amada terra? Este crente com os pés no chão e os olhos no Céu, e sobretudo com um coração que une Céu e terra, cunhou, entre tantos, uma palavra original, que transmite a cada um de nós uma grande missão. Ele gostava de dizer que nós cristãos «devemos ser *contemplativos*, isto é, pessoas que começam pela contemplação e depois deixam desencadear o próprio dinamismo, o seu compromisso na ação».¹¹ Pessoas que jamais separam oração e ação. Querido D. Tonino, admoestaste-nos a não nos imergirmos no



Durante a missa em Molfetta o Papa exortou os cristãos a serem portadores de esperança

Não para si mesmos mas para os outros

De Alessano, o Pontífice foi de helicóptero a Molfetta, onde celebrou a missa no porto da cidade. Publicamos a nossa tradução da homilia proferida pelo Santo Padre.

As leituras que ouvimos apresentam dois elementos centrais para a vida cristã: o Pão e a Palavra.

O Pão. O Pão é o alimento essencial para viver e o Evangelho Jesus oferece-se a nós como Pão de vida, como para nos dizer: “não podem fazer sem mim”. E usa expressões fortes: “comei a minha carne e bebei o meu sangue” (cf. Jo 6, 53). O que significa? Que para a nossa vida é essencial entrar numa relação vital, pessoal com Ele. Carne e sangue. A Eucaristia é isto: não um belo rito, mas a comunhão mais íntima, mais concreta, mais surpreendente que se possa imaginar com Deus: uma comunhão de amor tão real que adquire a forma do alimento. A vida cristã começa todas as vezes daqui, desta mesa, onde Deus nos sacia de amor. Sem Ele, Pão de vida, qualquer esforço na Igreja seria vão, como recordava Dom Tonino Bello: «As obras de caridade não são suficientes, se faltam a caridade das obras. Se faltam a amor do qual derivam as obras, se faltam a fonte, se faltam o ponto de partida que é a Eucaristia, qualquer aspecto pastoral resulta apenas uma espiral de coisas».¹

Jesus no Evangelho acrescenta: «Aquele que comer a minha carne viverá por mim» (v. 57). Pretendendo dizer: quem se nutre da Eucaristia assimila a mesma mentalidade do Senhor. Ele é o Pão partido por nós e quem o recebe torna-se por sua vez pão partido, quem não fermenta de orgulho, mas se oferece aos outros: deixa de viver para si mesmo, para o próprio sucesso, a fim de ter algo ou para se tornar alguém, mas vive para Jesus e como Jesus, ou seja, para os outros. *Viver para* é a característica de quem come este Pão, a “marca de fabrico” do cristão. *Viver para*. Poderia ser afixado como aviso fora de qualquer igreja: «Depois da Missa já não se vive para si mesmos, mas para os outros». Seria bom que neste dia de Dom Tonino Bello houvesse este aviso, na porta das igrejas, para que fosse lido por todos: “Depois da Missa já não se vive para si mesmos, mas para os outros”. Dom Tonino viveu assim: entre vós esteve um Bispo-servo, um Pastor que se fez povo, que diante do Tabernáculo aprendia a fazer-se alimento para o povo. Sonhava uma Igreja faminta de Jesus e intolerante a qualquer mundanidade, uma Igreja que «sabe entrever o corpo de Cristo nos tabernáculos incómodos da miséria, do sofrimento, da solidão».² Porque, dizia, «A Eucaristia não suporta a sedentariiedade» e se não nos levantarmos da mesa permanece um «sacramento incompleto».³ Podemos questionar-nos: realiza-se em mim este Sacramento? Mais concretamente: gosto apenas de ser servido à mesa do Senhor ou levanto-me para servir como fez o Senhor? Ofereço na minha vida o que recebo na Missa? E como Igreja poderíamos pergun-

tar: depois de tantas Comunhões, tornámo-nos portadora gente de comunhão?

O Pão de vida, o Pão partido é de facto também Pão de paz. Dom Tonino afirmava que «a paz não se realiza quando alguém pega somente no seu pão e vai comê-lo por conta própria. [...] A paz é algo mais: é convivialidade». Significa «comer o pão juntamente com os outros, sem se separar, pôr-se à mesa entre pessoas diversas», onde «o outro é um rosto que deve ser descoberto, contemplado, acariciado».⁴ Porque os conflitos e todas as guerras «encontram as suas raízes na dissolução dos rostos». E nós, que partilhámos este Pão de unidade e de paz, somos chamados a amar cada rosto, a restabelecer todas as dilacerações; a ser, sempre e em qualquer lugar, construtores de paz.

Juntamente com o Pão, a Palavra. O Evangelho apresenta de novo áspers debates em volta das palavras de Jesus: «Como pode este homem dar-nos de comer a sua carne?» (v. 52). Há uma atmosfera de derrotismo nestas palavras. Muitas das nossas palavras assemelham-se com estas: como pode o Evangelho resolver os problemas do mundo? Para que serve praticar o bem no meio de tantos males? E assim caímos no erro daquelas pessoas, paralisadas devido ao debater sobre as palavras de Jesus, em vez de estarem prontas para acolher a mudança de vida que Ele pediu. Não compreendiam que a Palavra de Jesus serve para caminhar na vida, não para nos sentarmos a falar acerca do que corre bem ou mal. Dom Tonino, precisamente no tempo paschal, desejava acolher esta novidade de vida, passando finalmente das palavras às ações. Por isso, exortava fervorosamente quem não tinha coragem de mudar: «os especialistas da perplexidade. Os contabilistas pedantes dos prós e dos contras. Os calculistas cautelosos até ao extremo antes de se moverem».⁵ Não se responde a Jesus conforme os cálculos e as conveniências do momento; devemos responder-lhe com o “sim” da vida inteira. Ele não procura as nossas reflexões, mas a nossa conversão. Quer o nosso coração.

É a própria Palavra de Deus que sugere isto. Na primeira Leitura, Jesus ressuscitado dirige-se a Saulo e não lhe propõe raciocínios subitís, mas pede-lhe que ponha em jogo a sua vida. Diz-lhe: «Levanta-te, entra na cidade. Aí te será dito o que deves fazer» (At 9, 6). Em primeiro lugar: «Levanta-te». A primeira coisa que devemos evitar é de permanecer no chão, de nos sujeitarmos à vida, de ficarmos atormentados pelo medo. Quantas vezes Dom Tonino repetia: “Em pé”, porque diante do Ressuscitado não é lícito estar a não ser em pé». Levantar-se sempre, olhar para as alturas, porque o apóstolo de Jesus não pode ir vivendo contentando-se com pequenas satisfações.

O Senhor depois diz a Saulo: «Entra na cidade». Também a cada um de nós diz: “Vai, não permaneces

fechado no teus espaços reconfortantes, arrisical!”. “Arrisical!”. A vida cristã deve ser investida para Jesus e despendida pelos outros. Depois de ter encontrado o Ressuscitado não se pode ficar à espera, não se pode adiar; é necessário ir, sair, não obstante todos os problemas e as incertezas. Vemos, por exemplo, que Saulo, depois de ter falado com Jesus, apesar de ser cego, se levanta e vai à cidade. Vemos Ananias que, embora assustado e hesitante, responde: «Eis-me aqui, Senhor!» (v. 10) e imediatamente vai ter com Saulo. Todos somos chamados, em qualquer situação em que nos encontramos, a ser portadores de esperança paschal, “cireneus da alegria”, como dizia Dom Tonino: servo do mundo, mas como ressuscitados, não como empregados. Sem nunca nos entristecermos, nem nos resignarmos. É bom ser “mensageiros de esperança”, distribuidores simples e jubilosos do azeite paschal.

Por fim, Jesus diz a Saulo: «Aí te será dito o que deves fazer». Saulo, homem decidido e afirmado, cala-se e vai embora, dócil à Palavra de Jesus. Aceita obedecer, torna-se paciente, compreende que a sua vida já não depende dele. Aprende a humildade. Porque ser humilde não significa tímido ou modesto, mas dócil a Deus e esvaziado de si mesmo. Então inclusiva as humilhações, como a que Saulo sentiu prostrado no caminho de Damasco, se tornam providências, porque despojam da presunção e permitem que Deus nos levante. E a Palavra de Deus diz o seguinte: liberta, levanta, faz ir em frente, humildes e corajosos ao mesmo tempo. Não nos torna protagonistas afirmados e campeões da própria proeza, não, mas testemunhas genuínos de Jesus, morto e ressuscitado, no mundo.

Pão e Palavra. Queridos irmãos e irmãs, em todas as Missas alimentamo-nos do Pão da vida e da Palavra que salva: vivamos o que celebramos! Assim, como Dom Tonino, seremos fonte de esperança, alegria e paz.

- «Configurati a Cristo capo e sacerdote», *Cireneo della allegria*, 2004, 54-55.
- «Sono credibili le nostre Eucaristie?», *Artigos, corrispondências, cartas*, 2003, 236.
- «Servi nella Chiesa per il mondo», *ivi*, 103-104.
- «La non violenza in una società violenta», *Scritti di pace*, 1997, 66-67.
- «La pace come ricerca del volto», *Hamílias e escritos quaresmais*, 1994, 317.
- «Lievito vecchio e pasta nuova», *Vigiar na noite*, 1995, 91.
- Última saudação no final da Missa Crismal, 8 de abril de 1993.

Missas matutinas em Santa Marta

Segunda-feira, 16 de abril

O conselho da memória

«Como sigo Jesus?». É a simples pergunta que cada cristão deveria fazer para compreender se a sua fé é autêntica e sincera, ou de qualquer forma «interesseira». Com efeito, o risco consiste em enfraquecer a própria adesão a Cristo com os cálculos da conveniência, sublinhou o Papa Francisco nesta homilia. Comentando a liturgia da palavra, o Pontífice identificou dois possíveis caminhos que se abrem diante de qualquer batizado: a do protomártir Estêvão que, «cheio de graça e de Espírito Santo» agia «sem pensar as consequências» das suas escolhas, e a da multidão que se deixava conquistar pelos milagres. Portanto, explicou Francisco, há «diversos modos, formas de seguir Jesus». De facto, as pessoas descritas no Evangelho de João (6, 22-29), que tinham acabado de assistir ao milagre da multiplicação dos pães, seguiam Jesus não só «porque tinham fome da palavra de Deus e sentiam que Jesus chegava ao coração, aquecia o coração», mas também «porque Jesus fazia alguns milagres; seguiam-nos ainda para ser curados, para ter alguma visão nova da vida». A ponto que, recordou o Papa, noutro trecho do mesmo evangelista (4, 48) Jesus admoesta: «Se não virdes milagres e prodígios, não credes». Como a querer sublinhar que «o importante não são os milagres; mas a palavra de Deus, a fé». Por conseguinte, Jesus «louva as pessoas que se aproximam dele com fé». Com efeito, «àquele pai que pediu a cura do filho», disse: «Tudo é possível àquele que crê».

Por conseguinte, a multidão, que «seguia Jesus para o ouvir», depois da multiplicação dos pães, queria até «torná-lo rei». Mas, ele retirou-se «sozinho, para rezar». Resumindo a narração evangélica, o Papa descreveu o que acontece com as pessoas que procuram o Senhor e o encon-

tram, no dia seguinte, na outra margem do lago. Qual é a razão desta busca insistente? Também para ouvir Jesus, mas sobretudo «por interesse». Com efeito, o Senhor admoesta imediatamente: «Em verdade, em verdade vos digo: buscais-me, não porque vistes os milagres, mas porque comestes dos pães e ficastes saciados». Francisco entrou na psicologia da multidão: «gente boa», que quer «ouvir a palavra de Jesus, e sentir como aquela palavra chega ao coração», mas é também impelida pelo interesse. Portanto, a delas é uma fé que une «as duas coisas: uma fé, um desejo de amar Jesus, mas um pouco interesseira».

Eles são os únicos no Evangelho a ter esta atitude. O Pontífice recordou, por exemplo, o episódio do endemoninhado de Gerasa narrado por Lucas (8, 26-39), no qual os guardadores, quando viram que devido àquele milagre «tinham perdido os porcos», fizeram «o cálculo e disseram: “Sim, sim: este faz milagres, mas a nós não convém; perdemos dinheiro com ele”, e disseram-lhe gentilmente: “Vai-te embora, volta para a tua casa”. Ou podemos lembrar os dez leprosos sobre os quais fala também Lucas (17, 11-19), que «depois de serem curados se foram embora, mas só um deles regressou para agradecer: os outros tinham obtido a cura e assim esqueceram-se de Jesus».

Diante de uma fé condicionada pelo interesse, Jesus repreende e «diz: “Trabalhai, não pelo alimento que perece, mas pelo alimento que permanece até à vida eterna, e que o Filho do homem vos dará”. O alimento é a palavra de Deus e é o amor de Deus».

Ao contrário, aprofundou o Papa, a primeira leitura narra o exemplo de Estêvão, que também «seguia Jesus, mas de um modo firme, claro. Ele tinha decidido levar a própria vida seguindo o caminho de Jesus; estava cheio de graça e de Espírito Santo e fazia grandes prodígios e si-

nais entre o povo». Ele «no momento de defender Jesus, falava claro» e, lê-se nos Atos dos apóstolos (6, 8-15): «Não podia, porém, resistir à sabedoria e ao Espírito que o inspirava». Estêvão, explicou o Pontífice, «seguia Jesus sem considerar as consequências: isto convém-me, não me convém... não era um interesseiro. Amava. E seguia Jesus, confiante». Até à morte: «apresentaram falsos testemunhos contra ele, fizeram-no entrar ali e assim acabou por ser lapidado. Mas dando testemunho de Jesus».

Estêvão e a multidão, «dois modos de seguir Jesus. Ambos seguem Jesus; alguns não completamente, um pouco sim, um pouco não, com algum interesse pessoal; outros, como Estêvão, dando a vida para seguir Jesus».

Diante destes exemplos, eis o convite de Francisco: «Cada um pode questionar-se: mas eu como sigo Jesus? E como sou realmente, como posso saber se sigo bem Jesus ou se sou interesseiro?». Eis outro conselho: «o conselho da memória». Com efeito, o Pontífice sugeriu que o justo discernimento é possível «refrescando a memória». Ou seja, «podemos perguntar-nos: o que fez Jesus por mim?», pensando sobretudo e concretamente na nossa vida. Então «encontraremos muitas coisas grandes que Jesus nos ofereceu gratuitamente, porque nos ama: a cada um de nós».

Eis o passo sucessivo: «Ao ver o que Jesus fez por mim, dirijo a mim mesmo a segunda pergunta: e eu, o que devo fazer por Jesus? E assim, com estes dois interrogativos, talvez consigamos purificar-nos de qualquer tipo de fé interesseira». Com efeito, acrescentou o Papa, «quando vejo tudo o que Jesus me deu, a generosidade do coração leva-me a dizer: “Sim, Senhor, ofereço tudo! E não vou repetir estes erros, estes pecados». Será possível assim encetar «o caminho da conversão por amor:

tu me deste tanto amor, também eu te retribuo este amor».

Graças a estas duas perguntas, concluiu o Pontífice, cada um poderá fazer «um bom teste sobre como se segue Jesus: somos interesseiros ou não?». E assim «seremos capazes de purificar a nossa fé de qualquer interesse».

Terça-feira, 17 de abril

A Igreja precisa de profetas

«A Igreja tem necessidade de que todos nós sejamos profetas», isto é, «homens de esperança», sempre «diretos» e nunca «tibios», capazes de dizer ao povo «palavras fortes quando é preciso» e de chorar juntos se for necessário. Eis o perfil do profeta delineado pelo Papa. O Pontífice propôs um verdadeiro «teste» para reconhecer o profeta autêntico. Que, explicou, não é um anunciador de «desventuras» nem «um juiz crítico», nem sequer «um recriminador de profissão». Mas é um cristão que «repreende quando é necessário», sempre «abrindo as portas de par em par» e pondo em risco pessoalmente inclusive «a pele» pela «verdade» e para «restabelecer as raízes e a pertença ao povo de Deus».

«Na primeira leitura ouvimos a narração do martírio de Estêvão», disse o Papa referindo-se ao trecho dos Atos dos apóstolos (7, 51 - 8, 1). «É o final de uma longa história que ocupa dois capítulos do livro» e «acaba desta forma». Uma história, explicou Francisco, que «começa quando alguns da sinagoga dos libertos, vendo a realidade, os prodígios e a sabedoria com a qual Estêvão falava, foram ter com ele para dialogar; e ele debatia com eles». Mas eles «não estavam à altura da sabedoria e do espírito com o qual

CONTINUA NA PÁGINA 9

O Mediterrâneo seja uma arca de paz

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6

turbilhão das atividades sem parar-mos diante do tabernáculo, a fim de não nos iludirmos que trabalhamos em vão pelo Reino.¹² E nós poderíamos questionar-nos se começamos a partir do tabernáculo ou de nós mesmos. Poderias perguntar-nos ainda se, depois de termos partido, caminhamos; se, como Maria, Mulher do caminho, nos levantamos para ir alcançar e servir o homem, todos os homens. Caso nos perguntasses isto, deveríamos sentir vergonha pelos nossos imobilismos e pelas nossas frequentes justificações. Despertamos então para a nossa elevada vocação; ajuda-nos a ser cada vez mais uma Igreja *contemplativa*, apaixonada por Deus e pelo homem!

Queridos irmãos e irmãs, em cada época o Senhor põe no caminho da Igreja testemunhas que encarnam o bom anúncio da Páscoa, profetas de esperança para o futuro de todos.

Da vossa terra Deus fez surgir uma testemunha, como dom e profecia para os nossos tempos. E Deus deseja que o seu dom seja acolhido, que a sua profecia seja concretizada. Não nos contentemos em anotar boas recordações, não nos deixemos dominar por nostalgias passadas, por merxerios ociosos do presente nem por medos do futuro. Imitemos D. Tonino, deixando-nos transportar pelo seu jovem fervor cristão, aceitemos o seu convite urgente a viver o Evangelho sem descontos. É um convite importante dirigido a cada um de nós e a nós como Igreja. Ajudar-nos-á deveras a difundir hoje a alegria perfumada do Evangelho.

Agora, todos juntos, rezemos a Nossa Senhora e depois vos concederei a bênção, concordam?

[Ave-Maria e bênção]

1 «Grazie, Chiesa di Alessano», *La terra dei miei sogni*. Bagliori di luce dagli scritti ugentini, 2014, 477.



2 Cf. SÃO JOÃO PAULO II, «Se procura a paz, vai ao encontro dos pobres», *Mensagem para o Dia mundial da Paz*, 1 de janeiro de 1993.

3 *La terra dei miei sogni*, 32.

4 «Il pentologo della speranza», *Scritti vari, interviste aggiunte*, 2007, 252.

5 «La speranza a caro prezzo», *Scritti di pace*, 1997, 348.

6 Cf. «La profecia oltre la mafia», *ibid.*, 280.

7 «Torchio e spirito. Omelia per la Messa crismale 1993», *Omelie e scritti quaresimali*, 2015, 97.

8 «Sacerdoti per il mondo», *Cirenei della gioia*, 2004, 26.

9 «Dai poveri verso tutti», *ibid.*, 122 ss.

10 «Configurati a Cristo capo e sacerdote», *ibid.*, 61.

11 *Ibid.*, 55.

12 Cf. «Contempl-attivi nella ferialità quotidiana», *Non c'è fedeltà senza rischio*, 2000, 124; «Soffrire le cose di Dio e soffrire le cose dell'uomo», *Cirenei della gioia*, 81-82.

Em conversa com o Papa Francisco

Deus é um poeta

DOMINIQUE WOLTON

Inteligência, liberdade de espírito, humorismo, simplicidade, eis as palavras que me vêm à mente de modo espontâneo para caracterizar o Santo Padre. E este encontro intelectual e humano – do qual o livro dá testemunho, através de diálogos vívidos, às vezes contraditórios, e contudo inusuais – confirma-o. Porque provavelmente nunca houvera antes um encontro semelhante entre um Papa e um intelectual francês,

leigo e agnóstico. Não foi só a liberdade que me surpreendeu, mas também a confiança que me demonstrou em todas as nossas trocas de ideias.

Um dos enigmas, e o talento, deste Papa – cujo onomástico coincide com o dia de publicação do livro em italiano – é a sua capacidade de ser compreendido por todos. Um discurso “laico” que alcança todos e que o torna realmente o Papa da

mundialização. Como consegue falar com tanta simplicidade e fazer-se entender em todos os países, ricos e pobres, grandes ou pequenos, em paz ou em guerra? De onde vem este talento da comunicação humana?

Sim, a Igreja católica com a eleição do primeiro Papa não europeu, depois de treze séculos, conseguiu um golpe de mestre. A instituição está à altura desta mudança total. O Papa não só se faz entender por todos, mas falando inspirado pelo Evangelho, a favor dos pobres, dos necessitados, dos excluídos, vai ao encontro do que milhões de homens, crentes, ateus e agnósticos, esperavam da religião, e não só da católica.

Não sou capaz de julgar a sua obra – quem o seria? – mas estou surpreendido pela alegria que exprime. Sem qualquer ilusão sobre os homens e as instituições, vive habitado por esta alegria, visível no seu humorismo, que por sua vez é sentido em todo o mundo. Alegria, confiança, abertura, eis o que surpreende. E especialmente a favor das Igrejas novas.

Sim, dialogar, multiplicar as pontes, abater os muros, é provavelmente um dos maiores desafios deste mundo que se tornou muito pequeno, graças à eficácia das tecnologias de comunicação, mas não por isso mais respeitador das diferenças de culturas, línguas e visões do mundo. Um mundo “transparente” que poderia ser talvez tão violento, ou até mais, do que o de ontem.

Pesquisador no campo da comunicação política, da globalização e da diversidade cultural, não posso deixar de me surpreender pela vontade do Papa Francisco de procurar exatamente conciliar abertura e respeito, tradição e modernidade, busca da paz e condenação da guerra.

Este encontro, tão insólito, com os seus consensos e as suas divergências, ilustra a capacidade que o Papa tem de dialogar no respeito recíproco. Quantos dirigentes políticos teriam esta capacidade? Inconformista? Talvez – porque não? – talvez até por isso é tão ouvido, independentemente das instituições.

É se «Deus é um poeta» [«Dio é un poeta»], título da edição italiana do livro que retoma uma frase do Papa Francisco, também ele, à sua maneira, talvez o seja.

Política e sociedade

Foi apresentada no dia de São Jorge – 23 de abril na Sala Marconi do Rádio Vaticano – a tradução italiana do livro no qual Dominique Wolton relatou os seus encontros com o Papa Francisco e sobretudo as respostas do Pontífice às suas perguntas, ilustradas por uma introdução eficaz e por excertos longos de discursos papais (*Politique et société*, Paris, Éditions de l'Observatoire, 2017, 421 páginas). Publicado a 6 de setembro e já traduzido em espanhol, o livro em italiano intitula-se *Dio é un poeta. Un dialogo inedito sulla politica e la società* (Milão, Rizzoli, 2018, 266 páginas). O volume, apresentado ao Papa a 28 de agosto passado, subdivide-se em oito capítulos: paz e guerra; religiões e políticas; Europa e diversidade cultural; cultura e comunicação; a alteridade, o tempo e a alegria; a misericórdia; a tradição; um destino.

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

falava, e em vez de reconhecer as argumentações, inventaram algumas calúnias e levaram Estêvão a tribunal».

«No tribunal – prosseguiu – quando acabou de entrar, as pessoas presentes viam o seu rosto como o de um anjo: transparente, forte, luminoso». E assim «Estêvão começou a falar com eles, mas desde o início, e narrou toda a história do povo judeu: Estêvão não queria discutir somente sobre o hoje; queria restabelecer as raízes daquele povo que era fechado, que tinha esquecido a história».

Por esta razão, «dá uma longa explicação no capítulo sete de toda a história de Israel, mas no final dá-se conta de que aquelas pessoas eram fechadas, não queriam ouvir». De facto, insistiu o Papa, «eram fechadas nos seus pensamentos e Estêvão repreende-as do modo como Jesus também repreendeu o povo e quase com as mesmas palavras: «teimosos e incircuncios no coração – isto é, pagãos, porque esquecestes as raízes – e nos ouvidos, opondes sempre resistência ao Espírito Santo». Ou seja: «Vós não sois coerentes com a vida que provém das vossas raízes».

Estêvão «narra que também os profetas foram perseguidos pelos “vossos pais”, isto é, por aqueles que, como vós, tinham as raízes secas». O trecho dos Atos observa que «ao ouvir estas coisas, ficaram furiosos nos seus corações: enraivecaram-se ao máximo e rangiam os dentes contra Estêvão». Esta atitude, afirmou Francisco, «faz ver a paixão desencadeada: quando o profeta chega à verdade e toca o coração, ele ou se abre ou se torna pedra e desencadeia-se a raiva, a perseguição, e aconteceu o mesmo depois da morte de Estêvão, contra toda a comunidade de Jerusalém».

Os Atos narram também a reação de Estêvão: «Cheio do Espírito Santo, olhando para o céu, viu a glória de Deus e Jesus que estava à direita de Deus e disse: “Contemplo os céus abertos e o Filho do homem que está à direita de Deus”. Desta maneira, explicou o Papa, «aquele rosto de anjo que tinha no início transforma-se em contemplação e vê Deus».

Mas os Atos testemunham que, ao ouvir as palavras de Estêvão, os seus interlocutores «com grande clamor, taparam os seus ouvidos». «Era um gesto para dizer: “não quero ouvir isto”. Um gesto muito significativo» para afirmar; «não quero escutar estas palavras que parecem uma blasfémia, porque o meu coração não deseja ouvir, está fechado à escuta da palavra». E não acaba aqui, referem os Atos, porque «se atiraram todos juntos contra ele, lançaram-no fora da cidade e começaram a apedrejá-lo: acaba assim a vida de um profeta». De resto, prosseguiu o Pontífice, «os profetas enfrentam sempre estes problemas de perseguição por dizer a verdade, a verdade incomoda, muitas vezes não é agradável». Com frequência «os profetas começaram a dizer a verdade com doçura, para convencer, como Estêvão, mas no final não sendo ouvidos falaram com dureza». E «também Jesus disse quase as mesmas palavras de Estêvão: “hipócritas”».

«Qual é, na minha opinião, a prova de que um profeta quando fala com vigor diz a verdade?» foi a questão formulada pelo Papa. «É quando este profeta é capaz não só de dizer, mas de chorar sobre o povo que abandonou a verdade». De facto «Jesus, por um lado, repreendeu com palavras duras – “geração perversa e adúltera” por exemplo – e por outro chorou por Jerusalém».

Missas em Santa Marta



Nikola Sarić, «Santo Estêvão»

Precisamente «esta é a prova: um verdadeiro profeta é aquele capaz de chorar pelo seu povo e também de dizer palavras fortes quando devem ser ditas. Não é tibio, é sempre direto».

Por isto, prosseguiu Francisco, «o verdadeiro profeta não é um “profeta de desventuras” como dizia São João XXIII», mas «um profeta de esperança: abre as portas, restabelece as raízes e a pertença ao povo de Deus para ir em frente». Portanto «não é um recriminador de profissão», aliás «é um homem de esperança: repreende quando é necessário e abre as portas de par em par olhando para o horizonte da esperança». Além disso, «o verdadeiro profeta, se desempenhar bem o seu ministério, arrisca a própria pele como Estêvão». Os Atos dos apóstolos narram que «no fim as testemunhas

depuseram os seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo, que aprovava o assassinato de Estêvão». Na realidade «Saulo esqueceu o significado da própria raiz, conhecia bem a lei, mas aqui – disse o Papa batendo a mão no peito para indicar o coração – esquecera-a aqui».

E eis que «o Senhor toca o coração» de Saulo «e nós sabemos o que aconteceu depois». Uma história, repetiu o Pontífice, que «nos faz recordar uma bonita frase pronunciada por um dos primeiros padres da Igreja: “O sangue dos mártires é semente dos cristãos”. E «no final, Estêvão morre, apedrejado por ser coerente com a verdade e a pertença ao seu povo. E parece que passa a tocha» a Saulo, naquele momento «ainda inimigo, que estava presente mas ao qual o Senhor falará e fará ver a verdade». «Esta é a semente: a semente de Estêvão, a semente de um mártir, a semente dos novos cristãos».

«A Igreja precisa dos profetas» afirmou Francisco, acrescentando: «Darei mais, há necessidade de que todos nós sejamos profetas: não críticos, este é outro aspeto», porque não é correto um profeta que se elege sempre «juiz crítico, que não gosta de nada: “Não, isto não está bem, não pode ser, não fica bem; não dá...”». Ao contrário, «profeta é aquele que reza, olha para Deus, para o seu povo, sente dor quando o povo erra, chora – é capaz de chorar pelo povo – mas também é capaz de fazer o possível para dizer a verdade».

«Pegamos ao Senhor – concluiu o Papa – que não falte à Igreja este serviço da profecia e que nos envie profetas como Estêvão que ajudem a revigorar as nossas raízes, a nossa pertença, para irmos sempre em frente».

Desenho que retrata
Van Thuân na prisão

Livre atrás das grades

Francisco Xavier Van Thuân

GABRIELE NICOLÒ

O romance de Teresa Gutiérrez de Cabiedes, *Van Thuân libero tra le sbarre* (Roma, Editora Città Nuova, 2018, 349 páginas), é dedicado aos condenados à morte por causa da própria fé e a todos aqueles que, inocentes, são perseguidos pela justiça. E nesta dedicatória reflete-se a vicissitude heroica do cardeal vietnamita, recordado pelo Papa Francisco na exortação apostólica *Gaudete et exultate*: dois dias depois de ter sido nomeado por Paulo VI, em 1975, arcebispo coadjutor de Saigon, Van Thuân foi preso pela polícia. Passou treze anos na prisão, dos quais nove em isolamento nos cárceres terríveis de Vinh Quang. Foi libertado no dia 21 de novembro de 1988. A vida do purpurado, afirmou João Paulo II, foi «consumida na adesão coerente e heroica da própria vocação». E esta adesão, convicta e inabalável, é celebrada muitas vezes neste livro.

Durante um interrogatório insistente e impiedoso, conduzido pelas autoridades vietnamitas numa sala sufocante, na qual o silêncio denso só era interrompido pelo voo de uma mosca, Van Thuân não cedeu às ameaças e pressões. Depois que lhe repetiram inúmeras vezes que era acusado de propaganda imperialista e por ser um infiltrado das potências estrangeiras, o prisioneiro, sem hesitar e com determinação férrea, respondeu: «A última coisa que desejo é traír o meu país, pelo qual vivi e quero continuar a viver».

Em num crescendo de tensão e opressão um dos algozes lhe faz notar que no dia 23 de abril «foste nomeado chefe da tua Igreja em Ho Chi Minh City» e que hoje, 15 de agosto, «ainda ocupas aquele cargo», não obstante todas as mensagens de ameaças recebidas que renunciasses. A resposta de Van Thuân foi clara: «Não posso abandonar o meu povo».

O valor do seu testemunho adquire um relevo ainda maior quando consegue abrir e conquistar o coração dos encarcerados. Também a eles, sobretudo a eles, ofuscados por uma ideologia fechada a qualquer sentimento que não seja ódio ou aversão, Van Thuân ofereceu um amor genuíno, puro. E os presos, a partir de uma atitude tão surpreendente e desarmante, no começo sentiram-se desorientados, mas depois foram conquistados.

É foi esta atitude – lição de vida e herança espiritual admirável para entregar à posteridade – que consentiu a Van Thuân suportar, sem vacilar, o peso do martírio. Configurando-se, ao mesmo tempo, com a encarnação da mensagem de perdão e reconciliação, ainda mais importante por ser difundida num mundo marcado por divisões e sulcado pela sede de vingança.

De resto, ele descendia de uma família que conta numerosos mártires. Em 1885 todos os habitantes da aldeia da sua mãe foram queimados na igreja paroquial, exceto o seu avô que, naquele tempo, estudava na Malásia. Os seus antepassados paternos foram vítimas de muitas perseguições, desde 1698 até 1885. O seu bisavô paterno, juntamente com outros familiares, foi entregue forçadamente a uma família não-cristã para que perdesse a fé. O bisavô contou esta vicissitude ao jovem Van Thuân, recordando um pormenor certamente relevante: todos os dias, com 15 anos, percorria a pé trinta quilómetros para levar ao seu pai, preso por ser cristão, um pouco de arroz e sal.

Portanto, a vocação para ser testemunha da fé até à efusão do sangue fazia parte da bagagem cromossômica de Van Thuân, e a perseguição, à qual depois foi submetido ao longo da sua vida, serviu para exaltar aquele talento com toda a sua força.

Todavia, as privações sofridas durante os anos de prisão não lhe impediram contudo de celebrar, secretamente, a missa na sua cela, conseguindo recriar os rudimentos da liturgia com os paupérrimos meios à disposição. Para conservar o Santíssimo usou até o



papel dos maços de cigarro. Organizou turnos de adoração diante da Eucaristia durante a noite. Estava em isolamento em Hanói quando uma agente da polícia lhe entregou um pequeno peixe para ele cozinhar. O peixe estava embrulhado em duas páginas de *L'Osservatore Romano*. Quando o jornal chegava a Hanói, pelo correio, era confiscado e depois vendido na feira como papel. E aquelas duas páginas tinham sido usadas para embrulhar o peixe para ele. Então, sem se fazer notar, ele lavou as duas folhas e enxugou-as ao sol, conservando-as como uma relíquia. No isolamento da prisão, aquelas duas páginas eram para Van Thuân – que se teria tornado presidente do Pontifício conselho «justiça e paz» – um vigoroso sinal da comunhão com Pedro.

Uma comunhão que encontrava alimento constante e corroborante na esperança, que nunca abandonou Van Thuân, nem sequer nos momentos mais difíceis e obscuros. Não por acaso, o seu lema episcopal era «Gaudium et spes» e quase todos os seus livros, alguns dos quais escritos secretamente na prisão, têm no título a palavra «esperança». Foi precisamente esta esperança, enraizada no amor misericordioso de Deus, que permitiu a Van Thuân – como recorda o título do livro de Teresa Gutiérrez de Cabiedes – permanecer livre atrás das grades, vendo a luz onde estava escuro, e apreciando sempre a vida, mesmo no constante pairar da morte. Nas últimas páginas do romance delinea-se o traço inconfundível do sentir de Van Thuân. Estava para ser libertado, mas alguém lhe faz notar que poderia ser apenas uma encenação, dando-lhe a ilusão, e por conseguinte ainda mais cruel, de uma independência reconquistada, sem laços nem correntes. Mas Van Thuân não se deixa abater e fortalece-se com esta certeza, ou seja, que tudo o que acontece está protegido por Deus, que nada ninguém jamais poderá usurpar a sua liberdade, e que nada e ninguém conseguirá impedir-lhe de esperar contra qualquer esperança.

O Santo Padre aprovou os novos estatutos da Rede mundial de oração

Francisco constituiu no passado dia 27 de março a Rede mundial de oração do Papa (Apostolado da Oração) como «obra pontifícia, com sede legal no Estado da Cidade do Vaticano e aprovou os novos estatutos». Foi o arcebispo Angelo Bacci, substituto da Secretaria de Estado, quem comunicou a notícia à Companhia de Jesus numa carta datada de 10 de abril. Concluiu-se deste modo o processo de revisão e atualização dos estatutos, iniciado depois da nomeação por parte do Pontífice do novo diretor internacional da Rede, o jesuíta Frederic Fornos. Presente em 98 países, inclusive com o Movimento eucarístico juvenil, a Rede entre os seus projetos mais conhecidos conta com o vídeo mensal do Papa (www.ilvideodelpapa.org) e com a plataforma de oração pela missão da Igreja *Click to pray* (www.clicktopray.org).

Alcance ecuménico da «Gaudete et exultate»

MARCELO FIGUEROA

A exortação apostólica *Gaudete et exultate* é um documento que pode ser definido de alcance ecuménico no sentido mais amplo e pontual da palavra. Antes de tudo porque deixa entrever o seu caminho espiritual pessoal, que o aproxima de todos. Também porque a abundância de citações escriturísticas coloca as suas reflexões num âmbito espiritual cristão de facto interconfessional. E em terceiro lugar porque chama pessoas e comunidades de todo o mundo a uma santidade concreta, leiga e pragmática.

Se tivéssemos que responder à pergunta sobre quanto tempo empregou Bergoglio para escrever este texto, deveríamos responder: quase os cinquenta anos de sacerdócio. Francisco fala da sua experiência de santificação cristã e permite que conheçamos os seus guias espirituais. Assim acontece quando escreve que é preciso confrontar-se com a própria verdade invadida pelo Senhor (cf. n. 29); ou reflete sobre a chamada de Deus a ser santos que se realiza sem medo, porque a nossa humanidade e a nossa debilidade são ajudadas pela graça libertadora do Espírito Santo (cf. n. 34); ou ainda sobre a santidade que toca as chagas humanas para reconhecer a sua dignidade (cf. n. 98).

No capítulo três o texto esclarece que oração e ação entrelaçam-se nas bem-aventuranças evangélicas, e no capítulo quatro são apresentados os elementos da santidade: suportação, paciência, mansidão, alegria, senso de humor, audácia, fervor, oração. Tendo sempre presente a história da própria vida e reconhecendo nela os sinais da misericórdia de Deus.

No que diz respeito ao seu alcance ecuménico, a abundância de citações, sobretudo dos evangelhos, faz com que os leitores não católicos, como os viandantes de Emaús, sintam arder o próprio coração na explicação das Escrituras. No início, um parágrafo inteiro é dedicado ao ecumenismo e à chamada à santidade de um só povo de Cristo: «A santidade é o rosto mais belo da Igreja. Mas, mesmo fora da Igreja Católica e em áreas muito diferentes, o Espírito suscita “sinais da sua presença, que ajudam os próprios discípulos de Cristo”. Por outro lado, São João Paulo II lembrou-nos que o “testemunho, dado por Cristo até ao derramamento do sangue, tomou-se património comum de católicos, ortodoxos, anglicanos e protestantes”», definida pelo mesmo Pontífice «uma herança que fala com uma voz mais alta do que os fatores de divisão» (n. 9).

O documento inteiro é uma chamada a uma vida santa em termos universais e diários: «Para ser santo, não é necessário ser bispo, sacerdote, religiosa ou religioso. Muitas vezes somos tentados a pensar que a santidade esteja reservada apenas a aqueles que têm possibilidade de se afastar das ocupações comuns, para dedicar muito tempo à oração. Não é assim. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra» (n. 14). Até às periferias das quais o próprio pontífice se reconhece originário, devedor e missionário: «Por isso, se ousarmos ir às periferias, lá o encontramos» porque «Jesus antecipa-se-nos no coração daquele irmão, na sua carne ferida, na sua vida oprimida, na sua alma sombria. Ele já está lá» (n. 135).

INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

No dia 19 de abril

Os Senhores Cardeais Sean Patrick O'Malley, Arcebispo de Boston (EUA), Presidente da Pontifícia Comissão para a Tutela dos Menores; e Louis-Marie Ling Mangkhakhekhoun, Vigário Apostólico de Vientiane (Laos); e D. Luis Francisco Ladaria Ferrer, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé.

Sua Ex.^{cia} o Professor Matteo Truffelli, Presidente Nacional da Ação Católica Italiana, com D. Gualtiero Sigismondi, Assistente Eclesiástico Geral da mesma Associação.

Sua Ex.^{cia} o Senhor Francisco Argüello, Iniciador do Caminho Neocatecumenal.

No dia 21 de abril

Os Senhores Cardeais Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos; e Peter Kodwo Appiah Turkson, Prefeito do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral.

Os Membros da Pontifícia Comissão para a Tutela dos Menores.

Na parte da tarde: o Senhor Cardeal Luis Antonio G. Tagle, Arcebispo de Manila (Filipinas).

Ereção de Dioceses

Sua Santidade erigiu:

A 25 de abril

A Diocese de Chiang Rai (Tailândia), por desmembramento da Diocese de Chiang Mai, tornando-a sufragânea da Sede metropolitana de Bangkok.

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 19 de abril

De D. Damian Kyaruzi, ao governo pastoral da Diocese de Sumbawanga (Tanzânia).

No dia 24 de abril

De D. Domenico Berni Leonardi, O.S.A., ao governo pastoral da Prelazia Territorial de Chuquibambilla (Peru).

No dia 25 de abril

De D. Geraldo Lyrio Rocha, ao governo pastoral da Arquidiocese de Mariana (Brasil).

De D. Maurice Konan Kouassi, ao governo pastoral da Diocese de Daloa (Costa do Marfim).

De D. Germano Grachane, C.M., ao governo pastoral da Diocese de Nacala (Moçambique).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 19 de abril

Bispo da Diocese de Sumbawanga (Tanzânia), o Rev.^{do} Pe. Beatus Christian Urassa, ALPC/OSS, ex-Superior Provincial do seu Instituto na Tanzânia.

D. Beatus Christian Urassa, ALPC/OSS, nasceu a 2 de agosto de 1965 em Keni Mashati Rombo (Tanzânia). Foi ordenado Sacerdote no dia 12 de julho de 1997.

A 21 de abril

Enviado Especial às celebrações do 1050º aniversário da primeira sede episcopal na Polónia, previstas em Poznań nos dias 22-24 de junho, o Senhor Cardeal Dominik Duka, O.P., Arcebispo de Praga.

Consultores da Congregação para a Doutrina da Fé, os Rev.^{dos} Padres Sergio Paolo Bonanni, Docente de teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana; e Manuel Jesús Arroba Conde, C.M.F., Diretor do Instituto *Utriusque Iuris* da Pontifícia Univer-

sidade Lateranense; e as Senhoras D.^{ras} Linda Ghisoni, Subsecretária do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida; Prof.^a Michelina Tenace, Docente de teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana; e Prof.^a Laetitia Calmeyn, Docente de teologia no Collège des Bernardins em Paris.

A 24 de abril

Bispo de Dédougou (Burquina Faso), o Rev.^{do} Pe. Prosper Bonaventure Ky, do clero da mesma Diocese, até hoje Secretário permanente do Clero africano em Burquina Faso e responsável da Casa para sacerdotes estudantes em Ouagadougou.

D. Prosper Bonaventure Ky nasceu a 10 de janeiro de 1965, em Toma (Burquina Faso). Foi ordenado Sacerdote no dia 23 de julho de 1994.

Administrador Apostólico «ad nutum Sanctae Sedis», da Prelazia Territorial de Chuquibambilla (Peru), o Rev.^{do} Pe. Edinson Edgardo Farfán Córdova, O.S.A.

A 25 de abril

Arcebispo Metropolitano de Mariana (Brasil), D. Airton José dos Santos, transferindo-o da Sede metropolitana de Campinas.

Bispo de Daloa (Costa do Marfim), D. Marcellin Kouadio Yao, até agora Bispo de Yamoussoukro.

Bispo de Nacala (Moçambique), D. Alberto Vera Aréjula, O. de M., até esta data Auxiliar de Xai-Xai.

Bispo de Paranaíba (Brasil), o Rev.^{do} Pe. Mário Spaki, do clero da Diocese de Ponta Grossa, até à presente data Secretário executivo do Conselho Episcopal Regional Sul 2 da CNBB, com sede em Curitiba.

D. Mário Spaki nasceu no dia 14 de dezembro de 1971 em Irati, Estado do Paraná (Brasil). Completou os estudos de Filosofia no Instituto de Filosofia e Teologia Mater Ecclesiae em Ponta Grossa e de Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1998), onde obteve também a Licen-

ciatura em Teologia Dogmática (2001). Frequentou o curso de jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Paraná em Curitiba. A 3 de agosto de 2003 foi ordenado Sacerdote e incardinado na diocese de Ponta Grossa, na qual foi Vigário paróquial de São José (2003) e depois desempenhou o cargo de Reitor do Seminário de Filosofia São José (2004-2012).

Bispo de Batouri (Camarões), o Rev.^{do} Pe. Marcellin-Marie Ndabnyemb, do clero di Douala, até hoje Diretor do Colégio «Notre Dame des Nations», em Douala.

D. Marcellin-Marie Ndabnyemb nasceu a 2 de junho de 1965 em Log-bikoy (Camarões). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 13 de abril de 1996.

Bispo de Thanh Hoa (Vietname), o Rev.^{do} Pe. Joseph Nguyen Duc Cuong, do clero de Da Lat, até agora Pároco e Decano do Decanato de Madagui.

D. Joseph Nguyen Duc Cuong nasceu no dia 14 de outubro de 1953 em Quang Truong (Vietname). Foi ordenado Sacerdote a 27 de junho de 1992.

Primeiro Bispo de Chiang Rai (Tailândia), o Rev.^{do} Pe. Joseph Vuthiler Haelom, do clero di Bangkok, até agora Vigário-Geral da mesma Arquidiocese.

D. Joseph Vuthiler Haelom nasceu no dia 17 de dezembro de 1951 em Lamsai (Tailândia). Recebeu a Ordenação sacerdotal a 3 de agosto de 1980.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

No dia 17 de abril

D. Philibert Randriambololona, S.J., Arcebispo Emérito de Fianarantsoa (Madagáscar).

O venerando Prelado nasceu a 1 de maio de 1927, em Anjozorobe (Madagáscar). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 30 de julho de 1961. Foi ordenado Bispo em 27 de novembro de 1988.

D. David Edward Foley, Bispo Emérito de Birmingham (EUA).

O saudoso Prelado nasceu em Worcester (EUA), a 3 de fevereiro de 1930. Foi ordenado Sacerdote no dia 26 de maio de 1956. Recebeu a Ordenação episcopal em 27 de junho de 1986.

No dia 19 de abril

D. Zacharias C. Jimenez, ex-Auxiliar de Butuan (Filipinas).

O ilustre Prelado nasceu em Inabanga (Filipinas), no dia 5 de novembro de 1947. Foi ordenado Sacerdote a 17 de abril de 1973. Recebeu a Ordenação episcopal em 6 de janeiro de 1995.

D. Abraham Viruthakulangara, Arcebispo de Nagpur (Índia).

O saudoso Prelado nasceu no dia 5 de junho de 1943, em Kallara (Índia). Recebeu a Ordenação sacerdotal a 28 de outubro de 1969. Foi ordenado Bispo em 13 de julho de 1977.

Três mulheres consultoras do antigo Santo Ofício

Os primeiros leigos consultores da Congregação para a doutrina da fé são mulheres. A decisão histórica foi anunciada no dia 21 de abril. As nomeadas são as italianas Linda Ghisoni e Michelina Tenace, e a belga Laetitia Calmeyn.

Linda Ghisoni (Piacenza, 1965), casada e mãe de duas filhas, formou-se em filosofia e teologia na Eberhard Karls-Universität de Tübingen, obteve o doutoramento em direito canónico na Gregoriana, o diploma de advogado da rota no Studium rotale do Tribunal da rota romana e em praxe administrativa na Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos; juíza instrutora no tribunal de primeira instância para as causas de nulidade de matrimónio da região do Lácio, desde novembro de 2017 é subsecretária do Dicastério para os leigos, a família e a vida (Departamento para os fiéis leigos).

Michelina Tenace (San Marco in Lamis, 1954), estudou filosofia em Paris, formou-se em literaturas estrangeiras na universidade de Roma La Sapienza e doutorou-se em teologia com uma tese sobre Vladimir Soloviev

orientada por Tomáš Špidlík na Gregoriana, onde dirige o Departamento de teologia fundamental; estudiosa do Oriente cristão, faz parte da equipe do centro Aletti.

Laetitia Calmeyn (Bruxelas, 1975), enfermeira especializada em tratamentos paliativos, estudou teologia em Bruxelas e depois doutorou-se em teologia no Pontifício instituto João Paulo II com uma tese sobre o filósofo e teólogo jesuíta Albert Chapelle; virgem consagrada da diocese de Paris, ensina teologia no Collège des Bernardins.

Juntamente com elas foram nomeados consultores do antigo Santo Ofício o sacerdote italiano Sergio Paolo Bonanni, 55 anos, estudioso de teologia trinitária e de Abelardo, professor na Pontifícia universidade gregoriana e o claretiano espanhol, 61 anos, Manuel Jesús Arroba Conde, canonista e diretor do Instituto *utriusque iuris* da Pontifícia universidade lateranense, consultor do Sinodo dos bispos e do Pontifício conselho para os textos legislativos, relator do Supremo tribunal da assinatura apostólica.

Apelo do Pontífice em vista da cimeira em Panmunjeom

Paz para todo o povo coreano

A próxima cimeira intercorenana, que terá lugar a 27 de abril em Panmunjeom, «será uma ocasião propícia para encetar um diálogo transparente e um percurso concreto de reconciliação e de reencontrada fraternidade, a fim de garantir a paz na Península coreana e no mundo inteiro», disse o Papa na audiência geral de quarta-feira 25 de abril, na praça de São Pedro. No final da catequese, durante a qual deu continuidade às reflexões sobre o sacramento do Batismo, o Pontífice lançou um apelo a favor do povo coreano, pedindo a quantos têm responsabilidades políticas diretas «a coragem da esperança, tornando-se “artesãos” de paz».

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Continuemos a nossa reflexão sobre o Batismo, sempre à luz da Palavra de Deus.

É o Evangelho que ilumina os candidatos e suscita a adesão de fé: «O Batismo é, de modo totalmente particular, o “sacramento da fé”, uma vez que é a entrada sacramental na vida de fé» (*Catecismo da Igreja Católica*, 1236). E a fé é a entrega de nós mesmos ao Senhor Jesus, reconhecido como «nascente de água [...] para a vida eterna» (*Jô* 4, 14), «luz do mundo» (*Jô* 9, 5), «vida e ressurreição» (*Jô* 11, 25), como ensina o itinerário percorrido, ainda hoje, pelos catecúmenos já prestes a receber a iniciação cristã. Educados pela escuta de Jesus, pelo seu ensinamento e pelas suas obras, os catecúmenos voltam a viver a experiência da mulher samaritana sedenta de água viva, do cego de nascença que adquire a vista, de Lázaro que sai do sepulcro. O Evangelho traz em si a força de transformar quem o recebe com fé, arrancando-o do domínio do maligno, a fim de que aprenda a servir o Senhor com alegria e novidade de vida.

À pia batismal nunca vamos sozinhos, mas acompanhados pela oração da Igreja inteira, como recordam as ladainhas dos Santos que precedem a prece de exorcismo e a unção pré-batimal com o óleo dos catecúmenos. São gestos que, desde a antiguidade, asseguram a quantos se preparam para renascer como filhos de Deus, que a oração da Igreja os assiste na luta contra o mal, os acompanha no caminho do bem, os ajuda a libertar-se do poder do pecado, a fim de passar para o reino da graça divina. A prece da Igreja. A Igreja reza, e reza por todos, por todos nós! Nós, Igreja, oramos pelos outros. É bom rezar pelos outros. Quantas vezes, quando não temos uma necessidade urgente, não rezamos. Devemos orar pelos outros, unidos à Igreja: “Senhor, peço-vos pelas pessoas que estão em necessidade, por quantos não têm fé...”. Não vos esqueçais: a oração da Igreja está sempre em ação. Mas nós devemos entrar nesta prece e rezar por todo o povo de Deus, e por aqueles que precisam de orações. Por isso, o caminho dos catecúmenos adultos está marcado por reiterados exorcismos pronunciados pelo sacerdote (cf. *CIC*, 1237), ou seja, por orações que invocam a libertação de tudo o

que separa de Cristo e impede a íntima união com Ele. Pede-se a Deus até pelas crianças, para que as liberte do pecado original e as consagre como morada do Espírito Santo (cf. *Rito do Batismo das crianças*, n. 56). As crianças. Rezar pelas crianças, pela sua saúde espiritual e corporal. É um modo de proteger as crianças com a oração. Como testemunham os Evangelhos, o próprio Jesus combateu e expulsou os demónios para manifestar a vinda do reino de Deus (cf. *Mt* 12, 28): a sua vitória sobre o poder do maligno deixa espaço ao senhorio de Deus, que rejubila e reconcilia com a vida.

O Batismo não é uma fórmula mágica, mas um *dom do Espírito Santo* que torna quem o recebe capaz de «lutar contra o espírito do mal», acreditando que «Deus enviou ao mundo o seu Filho para destruir o poder de Satanás e transferir o homem das trevas para o seu Reino de luz infinita» (cf. *Rito do Batismo das crianças*, n. 56). Sabemos por experiência que a vida cristã está sempre sujeita à tentação, sobretudo à tentação de se separar de Deus, da sua vontade, da comunhão com Ele, para voltar a cair na rede das seduções mundanas. E o Batismo prepara-nos, dá-nos força para esta luta quotidiana, até para a luta contra o diabo



que — como diz São Pedro — como um leão, procura devorar-nos, destruir-nos.

Além da oração, há a unção no peito com o óleo dos catecúmenos, os quais «dele recebem vigor para renunciar ao diabo e ao pecado, antes de se aproximarem da fonte e ali renascerem para a nova vida» (*Bênção dos óleos*, *Premissas*, n. 3). Devido à propriedade do óleo de penetrar nos tecidos do corpo, proporcionando-lhe benefício, os antigos lutadores costumavam ungir-se de óleo para tonificar os músculos e para ativar mais facilmente as garras do adversário. À luz deste simbolismo, os cristãos dos primeiros séculos adotaram o uso de ungir o corpo dos candidatos ao Batismo com o óleo benzedo pelo do Bispo [Eis a prece de bênção, expressiva do significado deste óleo: «Ó Deus, sustentáculo e defesa do vosso povo, abençoai este óleo, no qual quisestes oferecer-nos um sinal da vossa fortaleza divina; concedei energia e vigor aos catecúmenos que serão por ele ungidos, a fim de que, iluminados pela vossa sabedoria, compreendam mais profundamente o Evangelho de Cristo; sustentados pelo vosso poder, assumam com generosidade os compromissos da vida cristã; e, tornando-se dignos da adoção de filhos, tenham a alegria de renascer e viver na vossa Igreja»: *Bênção dos óleos*, n. 21], com a finalidade de significar, mediante este «sinal de salvação», que o poder de Cristo Salvador fortalece para lutar contra o mal e para o derrotar (cf. *Rito do Batismo das crianças*, n. 105).

É cansativo combater contra o mal, escapar dos seus enganos, recuperar a força depois de uma luta extenuante, mas devemos saber que toda a vida cristã é um combate. Contudo, devemos saber também que não estamos sozinhos, que a Mãe Igreja reza a fim de que os seus filhos, regenerados no Batismo, não sucumbam às emboscadas do maligno, mas que as vençam pelo poder da Páscoa de Cristo. Fortalecidos pelo Senhor

Ressuscitado, que derrotou o príncipe deste mundo (cf. *Jô* 12, 31), também nós podemos repetir com a fé de São Paulo: «Tudo posso n’Aquele que me dá força» (*Fil* 4, 13). Todos nós podemos vencer, vencer tudo, mas com a força que nos vem de Jesus.

Depois da catequese, o Pontífice pronunciou o seguinte apelo.

Na próxima sexta-feira, 27 de abril, em Panmunjeom, terá lugar uma Cimeira Intercorenana, na qual participarão os Líderes das duas Coreias, o Senhor Moon Jae-in e o Senhor Kim Jong Un. Este encontro será uma ocasião propícia para encetar um diálogo transparente e um percurso concreto de reconciliação e de reencontrada fraternidade, a fim de garantir a paz na Península Coreana e no mundo inteiro.

Ao Povo Coreano, que deseja ardentemente a paz, garanto a minha oração pessoal e a proximidade da Igreja inteira. A Santa Sé acompanha, apoia e encoraja qualquer iniciativa útil e sincera para construir um futuro melhor, no sinal do encontro e da amizade entre os povos. Àqueles que desempenham responsabilidades políticas diretas, peço que tenham a coragem da esperança, tornando-se “artesãos” de paz, enquanto os exorto a prosseguir com confiança o caminho empreendido para o bem de todos. E dado que Deus é Pai de todos e Pai de paz, convido-vos a rezar ao nosso Pai, Deus, Pai de todos, pelo Povo Coreano, quer pelos que estão no Sul, quer por quantos estão no Norte.

[*Pai nosso...*].

No final da audiência, o Pontífice proferiu palavras de saudação aos vários grupos presentes, dirigindo aos fiéis lusófonos as seguintes expressões.

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua portuguesa, concretamente o grupo vindo de Blumenau, os fiéis da paróquia de Nogueira/Braga e os membros da Obra de Santa Zita, a todos encorajando a viver como batizados, imitando a mulher samaritana sedenta de água viva, o cego de nascença que abre os olhos para a luz e Lázaro que sai do sepulcro. Não deixeis que vos roubem a vossa identidade cristã! Com estes votos, invoco sobre vós e vossas famílias a abundância das bênçãos do Céu.